

4º Encontro Regional sobre Prevenção e Controlo do Tabagismo

A Administração Regional de Saúde do Norte, através do Departamento de Saúde Pública, realizou, no dia 15 de novembro, o 4º Encontro Regional Sobre Prevenção e Controlo do Tabagismo. O evento decorreu no Auditório do Instituto Português de Oncologia do Porto e foi dirigido a profissionais de saúde com interesse nas atividades de prevenção e controlo do tabagismo, representantes da comunidade: autarquias, associações profissionais, sociedades científicas, professores, associações de doentes e utentes, entre outros. Este encontro, que contou com a participação de destacados especialistas a nível nacional e europeu, resultou numa oportunidade para aquisição de conhecimentos e para a avaliação e debate sobre a aplicação das estratégias de prevenção e controlo do tabagismo. Dependências acompanhou o evento e entrevistou Manuel Rosas, psicólogo no Departamento de Saúde Pública da ARS Norte.



MANUEL ROSAS

Terá algum contorno simbólico a realização deste encontro sobre tabagismo no Instituto Português de Oncologia?

Manuel Rosas (MR) – Tem todo o simbolismo, por uma razão muito simples: todos nós sabemos que o consumo de tabaco e dos produtos de tabaco tem um impacto significativo e muito relevante ao nível das doenças oncológicas e, portanto, isto também serve como um alerta.

É comum a associação do consumo de tabaco ao cancro do pulmão mas parece haver evidência de outros cancros...

MR – Essa ideia é muito interessante porque, de facto, a história do cancro do pulmão já tem 60 anos de evidência científica, mas nas últimas décadas foi crescendo a lista de outros tipos de cancro como por exemplo, cavidade oral, estomago, colorectal, pâncreas, rim, bexiga entre outros. Entretanto, ainda hoje não sabemos qual será o impacto dos novos produtos de tabaco nas doenças oncológicas...

Mas serão os cigarros eletrónicos mais ou menos danosos para a saúde do fumador?

MR – A mensagem principal é que qualquer produto de tabaco incluído os produtos que contem nicotina na forma líquida são prejudicial para a saúde. A própria indústria do tabaco reconhece isso, mas tenta mascarar o perigo com uma estratégia de marketing agressiva que induz nos consumidores a percepção de que os novos produtos são de baixo risco, precisamente a grande aposta da indústria desde os anos 50. Em relação aos cigarros eletrónicos, os dados disponíveis até ao momento apontam no sentido contrário ou seja, existe um risco real para a saúde em particular ao nível do sistema respiratório. Esta nova epidemia da nicotina, gerou um alerta de saúde pública nos EUA, onde já ocorreram mais de 30 mortes em pessoas jovens. A presença de substâncias como a glicerina e determinado tipo de aromas presente nos cigarros eletrónicos estão a dar origem a uma nova patologia respiratória, cuja designação é pneumonia lipóide. O primeiro caso foi descrito no British Medical Journal em janeiro de 2018. Basicamente, substituímos o alcatrão pela gordura vegetal que fica alojado nos alvéolos pulmonares, cujos danos não sabemos ainda se serão até piores, o que sabemos hoje é preocupante do ponto de vista da saúde respiratória.

Neste momento surgem até casos de mortes nos EUA devido ao consumo destes novos produtos...

MR – Sim, nos EUA houve recentemente um grande boom do consumo de cigarros eletrónicos e, como nos últimos dez anos não houve regulamentação, os próprios consumidores acabaram por incluir substâncias nesses líquidos que estão agora a provocar os primeiros efeitos. Creio que isso terá muito a ver com o elevado número de consumidores adolescentes que ronda os 3,5 milhões.

O tabagismo ainda é considerado uma prioridade de saúde pública?

MR – É claramente uma prioridade de saúde pública, quer em relação aos cigarros tradicionais, quer em qualquer outro produto que contem nicotina. Infelizmente, ainda é uma prioridade de saúde pública no século XXI

E preocupa na desejável medida os profissionais da saúde pública?

MR – Posso dizer que, em termos históricos, é neste momento um tema para o qual os profissionais da saúde já estão muito mais sensibilizados. A minha questão, provavelmente mais polémica é que as estruturas intermédias e os decisores políticos não estão tão sensibilizados como pretendíamos. Temos exemplos de outros países como a Austrália e o Brasil onde o envolvimento político e da própria sociedade civil tem mostrado ao mundo que é possível controlar esta epidemia como demonstra os resultados na diminuição da prevalência do consumo por exemplo.

O que espera deste 4º Encontro?

MR – Primeiro, que os profissionais de saúde se reencontrem e se animem uns aos outros, porque as batalhas que temos pela frente são muito desafiantes e, por outro lado, precisamos de tornar isto mais efetivo do ponto de vista da saúde pública para corresponder aos objetivos da saúde para o ano 2030.

